

BOLETIM

DOBRADICA

DIRETORIA DE CARTÉS E INTERCÂMBIO

5

ANO 5 NÚMERO 004
ABRIL 2025



*Escola Brasileira
de Psicanálise*

BOLETIM

DOBRADICA

DIRETORIA DE CARTÉIS E INTERCÂMBIO



*Escola Brasileira
de Psicanálise*

[HTTPS://WWW.EBP.ORG.BR/CARTEIS-E-INTERCAMBIOS/BOLETIM-DOBRADICA/](https://www.ebp.org.br/carteis-e-intercambios/boletim-dobradica/)

EBP@EBP.ORG.BR

RUA TURIASSÚ, 390 – CONJ. 53/54 – PERDIZES

SÃO PAULO – SP – CEP 05005-000

TEL.: +55 (11) 3676-0297

EXPEDIENTE

DIRETORIA EBP 2023-2025

DIRETORA GERAL · PATRÍCIA BADARI

DIRETORA SECRETÁRIA-TESOUREIRA · ANDRÉA REIS DE OLIVEIRA SANTOS

DIRETORIA DE CARTÉIS E INTERCÂMBIO · MARILSA BASSO

DIRETORA DE BIBLIOTECAS · MARCIA MARIA STIVAL ONYSZKIEWICZ

CATÁLOGO ONLINE DE CARTÉIS – MARIA CELIA REINALDO KATO

REVISOR: PEDRO MENDONÇA

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: BRUNO SENNA

TRADUÇÃO: MÁRCIA MEZÊNCIO

DIREÇÃO DESTA EDIÇÃO: MARILSA BASSO

EQUIPE DE GESTÃO DE CARTÉIS E INTERCÂMBIO 2023-2025

EBP SEÇÃO BAHIA – CARLA FERNANDES

EBP SEÇÃO LESTE-OESTE – CLÁUDIA PEREIRA DO CARMO MURTA

EBP SEÇÃO MINAS GERAIS – MÁRCIA MEZÊNCIO

EBP SEÇÃO NORDESTE – LIÈGE UCHÔA

EBP SEÇÃO RIO – DORIS DIOGO

EBP SEÇÃO SÃO PAULO – EDUARDO BENEDICTO

EBP SEÇÃO SUL – ADRIANA RODRIGUES

SUMÁRIO

EDITORIAL	5
MARILSA BASSO	
INTERCÂMBIO	
PRODUZIR UM DIZER NO INTERCÂMBIO: UMA APOSTA	8
CARLA FERNANDES	
INTERCÂMBIO, INTERLOCUÇÃO E REDE	11
DORIS RANGEL DIOGO* - VIVIANE DE LAMARE**	
INTERCÂMBIO: ENTRE SABER E IGNORÂNCIA	17
MÁRCIA MEZÊNCIO	
O LUGAR DO INTERCÂMBIO	20
MARILSA BASSO	
CARTÉIS	
SITUAÇÕES ENCONTRADAS/RICARDO BECKER	26
FÁTIMA PINHEIRO	
O PLANO LACAN...	28
CLARA MARÍA HOLGUÍN	
UM CAMPO FÉRTIL	35
MARÍA JOSEFINA SOTA FUENTES	
PALAVRAS NA MESA DE ENCERRAMENTO	
JORNADAS DE CARTÉIS 2025 DA EBP	39
GLADYS MARTÍNEZ	

EDITORIAL

MARILSA BASSO

Dobradiça traz a vivacidade da construção permanente de nossa Escola via cartéis e proporciona um lugar específico para publicações de intercâmbios, registrando assim o trabalho do laço social 'dentro e fora' da Escola.

Este número é composto por duas partes: intercâmbio e cartéis. Encontramos, entre esses dois segmentos, diversos pontos que os enodam e uma convergência: o real implícito nessas experiências.

Os quatro textos sobre o intercâmbio são fruto de uma pesquisa lançada por mim, na gestão desta diretoria, como um desafio aos diretores de cartéis e intercâmbio das Seções da EBP para a formalização de sua causa e de seu lugar na nossa escola, diante de questões reincidentes: O que é um intercâmbio, afinal? Por que está alocado junto aos cartéis? Quando de fato ele acontece?

Em "Produzir um dizer no intercâmbio: uma aposta", Carla Fernandes traz uma articulação entre cartel e intercâmbio, ambos como ferramentas para interrogar um saber agitando a falta de saber e acolhendo a enunciação de cada um com seu estilo. Márcia Mezêncio, em "Intercâmbio: entre saber e ignorância", discorre sobre o tema com ênfase no limite de saber, do que se trata, e qual o papel desse limite nas ações de intercâmbio. Trabalha também o estatuto do saber e sua relação com a verdade, articulando o intercâmbio ao furo no saber.

"O lugar do intercâmbio" traz a 'Escola Sujeito' em sua posição política no exercício de uma atividade de intercâmbio, assim como o momento em que o significante 'intercâmbio' é formalizado no estatuto da EBP. "Intercâmbio, Interlocação e Rede" é o texto redigido por Doris Rangel Diogo e Viviane de Lamare, que trabalham o intercâmbio na interlocação da psicanálise com áreas afins, retomando

a história de *Dobradiça* e extraindo um momento de intercâmbio que comporta um enlace entre o depoimento da artista visual Natali Tubenchlak e a leitura de sua obra por Claudio Oliveira, curador e professor de filosofia, orientado pela psicanálise. A experiência que elas compartilham tem uma preciosidade ao relacionar o que se passa do lado da arte versus o que se passa na psicanálise, saberes litorais que podem ser localizados nessa troca.

Seguimos então para a segunda parte de *Dobradiça 4*: nossas Jornadas de Cartéis 2025, que discutiram o tema “O cartel e seus furos”. Temos a escrita “Situações encontradas” de Maria Fátima Pinheiro sobre a obra de Ricardo Becker, cuja foto foi publicada em nosso cartaz. Em seguida, temos a conferência de Clara Maria Holguín, Psicanalista da NEL/ AMP, que foi responsável pela gestão de cartéis da América durante o primeiro tempo desta diretoria, ou seja, 2023/2024. Ela nos traz “O plano Lacan”, retomando a aposta de Lacan nos fundamentos do cartel e em seu valor radical de “bem-dizer” e, para completar esse momento de maneira brilhante, temos os comentários dessa conferência proferidos por Maria Josefina Sota Fuentes, em “Um campo fértil”, que traz provocações pertinentes e instigantes acerca da transmissão psicanalítica. Por fim, temos a fala de encerramento de Gladys Martínez, psicanalista, membro da NEL/ AMP, conselheira da AMP e atual responsável pelos cartéis na América, que, com chave de ouro, fechou nossas Jornadas ao abordar o Um e o múltiplo da Escola.

Assim, *Dobradiça* formaliza e ao mesmo tempo vivifica uma prática!

INTERCÂMBIO

PRODUZIR UM DIZER NO
INTERCÂMBIO: UMA APOSTA

CARLA FERNANDES

Partindo de uma provocação da Diretoria de Cartéis e Intercâmbio da EBP sobre a função do Intercâmbio e suas conexões com o cartel, a seguinte pergunta abriu um caminho de investigação: qual o ponto de aproximação entre cartel e intercâmbio? O cartel, órgão de base da Escola, é um dispositivo inventado por Lacan para favorecer um meio e um lugar no cerne da formação e da experiência de Escola, onde os objetos de investigação de cada Um em um coletivo atravessado pela causa analítica se tangenciem, sendo $4 + (-1)$ a justa medida. O Mais-um, também integrante do cartel, deve exercer a função de menos Um (-1) , inscrevendo o vazio tomado como causa no cartel e consentindo que o furo no saber esteja no centro¹. O lugar vazio do -1 permite que não haja hierarquia em um dispositivo que interroga o saber. Isso favorece a experiência de formação em psicanálise.

Segundo Miller², a formação analítica acontece na imersão em um meio que agita a falta de saber, e, para que haja esse meio, “é preciso o número, a pluralidade de publicações, a multiplicação dos intercâmbios”³. Isso produz um tensionamento na tendência à lógica do todo fazendo furo no saber, relançando na experiência de formação o não saber. Assim, “não há formação mediante um plano de estudos, quer dizer, não há um itinerário standard prescrito por um saber *a priori*, não

1 MILLER, J.-A. *Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada*. Texto inicialmente traduzido por Stella Jimenez e publicado em JIMENEZ, S. (org.). *O Cartel: conceito e funcionamento da escola de Lacan*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1994, pp. 1-10. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/wp-content/uploads/2024/02/22Cinco-Variacoes-sobre-o-tema-da-elaboracao-provocada22-Jacques-Alain-Miller.pdf>.

2 MILLER, J.-A. “Sobre la formación del psicoanalista” (2001). In: *Cómo terminan los análisis – paradojas del pase*. Olivos: Grama Ediciones, 2022.

3 Tradução livre do original: “es preciso el numero, la pluralidad de las publicaciones, la multiplicación de los intercâmbios” (MILLER, 2022, p. 343).

há forma ideal”⁴, já que o objeto “*a* é um objeto do qual não se tem ideia”⁵, é circunscrito a *posteriori* em uma análise. Proponho pensar aqui também: é a imersão em um meio que agita a falta de saber o que favorece fazer Escola. Nessa direção, podemos pensar no intercâmbio como uma ferramenta para construir um lugar que interroga o saber, na medida em que propõe colocar na conversação campos distintos, sem que haja hierarquia.

Tarrab⁶ indica que, ao pensarmos em uma política lacaniana, não podemos falar apenas de cartel. É fundamental que haja uma aposta na conversação sobre psicanálise, como a que se produz no cartel, em outros lugares, seguindo a proposta do cartel como um dispositivo que constitui “uma conversação permanente sobre a psicanálise”⁷ em um coletivo que constrói a possibilidade de bem dizer a experiência, cada um com sua enunciação.

Em uma atividade recente do Seminário Latino de Paris, *L’Envers de Paris*⁸, ocorreu uma conversação sobre o tema inteligência artificial (IA) e psicanálise, tomando como ponto de partida o convite que Lacan⁹ faz aos analistas para “alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”¹⁰. Cada participante, a partir de uma questão que teve função de causa, fez entrar na conversa os efeitos da inteligência artificial na clínica, os usos possíveis dessa ferramenta, o que se lê a partir do discurso da ciência e as mutações que existem hoje com o advento da IA. Como efeito, esse intercâmbio promoveu aberturas, sem respostas conclusivas, com questões relançadas no horizonte. De que forma a psicanálise pode participar desse debate com outros campos? Algo novo se produziu nessa conversação, um instante de ver.

Miller¹¹ indica que é preciso que os analistas saibam colocar entre parênteses conhecimentos prévios para acolher o inédito do caso, e podemos pensar aqui também em acolher o inédito de uma conversação. Entra aí um paradoxo: saber ignorar o que se sabe, uma douda ignorância. A Escola é justamente esse lugar onde se apresentam os paradoxos. É um lugar de saber, mas ordenado por um

4 “No hay formación mediante um plan de estúdios, es decir: no hay forma ideal” (idem).

5 “*a* es el objeto del que no se tiene idea” (idem).

6 TARRAB, M. “O cartel e a política lacaniana”. In: *Cartel, Novas Leituras*. BROWN, N. I. (org). São Paulo: EBP, 2021.

7 Idem, p. 233.

8 Atividade realizada por Zoom em 04 de dezembro de 2024, coordenada por Andrea Zuñiga López (Popayán, Colômbia), tendo com êxito Josep Maria Panés (ELP/AMP). Apresentaram: Carla Fernandes (EBP/AMP), Carlos Chávez (Bogotá, Colômbia), Carolina Ferrieres (EOL/AMP), e Cinthya Estrada (Ciudad de México, México). Responsáveis: Flavia Hofstetter e Nayahra Reis, membros de *L’Envers de Paris*.

9 LACAN, J. “Função e campo da fala e da linguagem”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

10 Idem, p. 322.

11 MILLER, J.-A. (2022). *Op. cit.*

não saber. Segundo Miller, “esse saber, seus membros devem ao mesmo tempo buscá-lo (informar-se), construí-lo (inventá-lo) e, definitivamente, não se contentar com ele”¹².

Produzir Um dizer

Bem dizer e saber ler são propriedades a princípio engendradas pelo discurso do analista, as quais, no decorrer da experiência, se transferem para o analisante. Que este “aprenda de algum modo”¹³ e fora de toda pedagogia, a bem dizer e, também, a saber ler. Essa é a aposta de uma análise.

O trabalho de cartel ou a atividade de intercâmbio, que agitam a falta de saber acolhendo a enunciação de cada um com seu estilo, podem circunscrever questões em torno do real que se apresenta e produzir um novo saber, fazendo avançar a própria experiência de formação e a psicanálise. Entretanto, só é possível apreender seus efeitos a *posteriori*, sendo fundamental a transmissão do que se lê, o bem dizer da experiência na posição de analisante. Para Miller, “é um esforço continuado permanecer o mais próximo possível da experiência para dizê-la sem se deixar esmagar sob o muro da linguagem”¹⁴. Poderíamos pensar que essas conversações que acontecem no dispositivo do cartel e nos intercâmbios podem funcionar como acontecimentos que produzem sonoridade no Um e na Escola?

12 Tradução livre do original: “esse saber, sus miembros deben ao mismo tiempo buscarlo (informarse), construirlo (inventarlo) y, en definitiva, no contentarse con él” (MILLER, 2022, p. 343).

13 MILLER, J.-A. *Ler um sintoma*. Disponível em: AMP Blog: Jacques-Alain Miller - Ler um sintoma, 2011a.

14 MILLER, J.-A. *O inconsciente e o corpo falante*. Apresentação do tema do X Congresso da AMP. Disponível em: AMP Blog: O inconsciente e o corpo falante Apresentação do tema do X Congresso da AMP, por Jacques-Alain Miller (ampblog2006.blogspot.com).

INTERCÂMBIO, INTERLOCUÇÃO E REDE

DORIS RANGEL DIOGO* | VIVIANE DE LAMARE**

Intercâmbio

A convite de Marilsa Basso, Diretora de Cartéis e Intercâmbios da EBP no biênio 2023-25, que decidiu circunscrever o intercâmbio como pesquisa, abordaremos seus pontos de ancoragem na orientação lacaniana, a interlocução nas atividades e a articulação em rede.

Como a Escola Brasileira de Psicanálise é uma organização viva, de tempos em tempos há alteração em seu Estatuto. A Diretoria de Cartéis e Intercâmbio foi oficialmente criada e passou a compor a Diretoria Executiva, na Assembleia da EBP, em abril de 2019. Na ocasião, foram definidas suas competências, entre as quais: “Promover intercâmbio com outras entidades e áreas da cultura afins.”¹

Essas competências estão previstas na seção de Psicanálise aplicada à terapêutica e na de Recenseamento do Campo Freudiano, que propõem a “articulação com as ciências afins”², na Escola fundada por Lacan em 1964, a qual segue a orientação de que “o analista precisa alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”³, advertência enfatizada devido à mutação dos discursos na contemporaneidade.

Na leitura de Paola Salinas, cartel e intercâmbio não estão por acaso na mesma diretoria e funcionam como dobradiças entre o dentro e o fora da Escola. No

-
- 1 CARVALHO, R. L. “A lucidez dos cartéis”. In: *Correio Express*, n. 013, set. 2019. Revista eletrônica de psicanálise da EBP.
 - 2 LACAN, J. “Ato de Fundação”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 237-238.
 - 3 LACAN, J. (1953). “Função e campo da fala e a linguagem”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 322.

caso do intercâmbio, a dobradiça é “entre a psicanálise e os outros campos de saber capazes de nos tocar, questionar e fazer avançar”⁴.

Essa articulação entre o dentro e o fora da Escola pode ser lida também na perspectiva topológica que podemos extrair do trabalho de Gilson Iannini, em que se propõe a “extimidade” como método de leitura de intercâmbio. O autor justifica o uso do termo lacaniano, correlato do conceito freudiano de *unheimlich*, afirmando que a psicanálise, “fora” de seu campo próprio, visa no estranho, no exterior, àquilo que, na verdade, é êtimo. “A psicanálise é, e precisa ser radicalmente infamiliar e insubmissa às exigências da atualidade.”⁵ Cada acontecimento é radicalmente singular, embora possa se situar no limite do dizível. Não há lugar neutro de enunciação.

Na mesma perspectiva escreve Cleyton Andrade: “Trabalhamos com uma noção de *Intercâmbio* como um diálogo com outros campos do conhecimento, na aposta de criar espaços de uma ecologia de saberes litorais com o saber psicanalítico.”⁶

Um dos espaços onde circulam esses saberes litorais é Dobradiça, significante usado para o Boletim Eletrônico dos Cartéis da EBP, cujo primeiro número é de agosto de 2011. Segundo Ondina Machado, a intenção é apresentar a atualidade da experiência de cartéis nas Escolas da AMP, e o interesse é um intercâmbio acerca dos efeitos, impasses e particularidades da atividade de cartéis em cada Escola.⁷ Outro espaço é *Correio Express*, Revista online da Escola Brasileira de Psicanálise, cuja primeira publicação ocorreu em novembro de 2017. Segundo o diretor Geral da EBP, Luiz Fernando Carrijo da Cunha, a revista “foi idealizada como um meio de unir outras publicações digitais da Escola, como o *Bibliô* e a *Dobradiça de cartéis*, que farão parte do sumário como rubricas “fixas” de cada edição.”⁸

Em setembro de 2019, foi criada uma nova seção: Momentos de Inter-Câmbio, com apresentação de Nohemí Brown, que então fala da importância dos encontros com outros saberes, em que “podem ou não acontecer momentos de “inter-câmbio”, e que nessa troca o mais importante é “saber escutar o vivo do que acontece ali e que produz efeitos para quem dele participa.”⁹

4 SALINAS, P. Boletim Dobradiça da Diretoria de Cartéis e Intercâmbio. Ano 0, número 002, outubro 2020. Disponível em: https://www.ebp.org.br/boletim_dobradiça_002/2020 . Acesso 19/01/2025.

5 IANNINI, G. *Freud no século XXI: Volume I: o que é psicanálise?* Belo Horizonte: Autêntica, 2024, p.58.

6 Boletim Dobradiça da Diretoria de Cartéis e Intercâmbio, ano 0, número, junho 2020.

7 Rubrica Giro do Cartel na AMP em Dobradiça Boletim Eletrônico dos Cartéis da EBP. Ano 1, número 01, agosto de 2011. O último número deste boletim é de 6 de abril de 2013.

8 *Correio Express*. Revista online da Escola Brasileira de Psicanálise número 000. A rubrica Dobradiça de Cartéis faz parte da Correio Express até o número 009, de março de 2019, retornando no número 012 de junho de 2019.

9 *Correio Express*. Revista online da Escola de Psicanálise, número 013.

Em 2020 tem início um novo ciclo do Boletim Dobradiça, que, segundo Ana Tereza Groisman, “visa fortalecer o laço e a reflexão entre nós com relação aos cartéis e aos intercâmbios, em sua articulação com a Escola e, para além dela, com o mundo que nos rodeia”.¹⁰ Neste, uma parte é Intercâmbio.¹¹

A partir de 2021 há uma mudança no formato da revista, a qual passa a circular sem as rubricas *Dobradiça de Cartéis* e *Momentos de Inter-Câmbio*.

Interlocação

Promover intercâmbio implica favorecer a interlocação entre o discurso da psicanálise e outros que circulam na cidade. Trata-se de uma aposta, sendo que podem ou não ocorrer efeitos desse encontro. A interlocação é a forma de comunicação que mais se aproxima do que se visa em um intercâmbio. Um dos interlocutores pode interpor uma nova leitura, produzir aberturas e um dizer que ultrapasse o dito. Essa modalidade de conversação acontece em diversas atividades no Campo Freudiano.

Na abertura da Conferência de Éric Laurent na UBA, *A psicanálise como resposta ao real de hoje*, como disse Inez Sotelo, “Éric Laurent pronunciou palavras que me servem e a alguns outros como bússola. O desafio para o psicanalista no século XXI é a *interlocação* com a época, seu parceiro, convocando cada um a se deixar interrogar pelos sofrimentos que chegam”.¹²

É fato que as diferentes instâncias da EBP organizam atividades contínuas ou pontuais que estimulam a interlocação entre psicanalistas e convidados das áreas da cultura, cinema, arte, política, religião, literatura, ciência, filosofia, educação, em um movimento de rede. Mas, para haver intercâmbio, é preciso mais do que organizar atividades com convidados de campos afins.

Nohemí Brown acentua que “mais importante do que extrair um saber de outra disciplina ou oferecer o nosso, é possível localizar o limite do saber e abrir brechas que, não sem surpresa, forçam ao bem-dizer ou a uma forma inédita de considerar uma questão”¹³, e convida a recolher pontuações dos momentos de intercâmbio.

Há registros de alguns momentos de intercâmbio, como o relatado por Ana

10 Boletim Dobradiça Diretoria de Cartéis e Intercâmbio, ano 0, número 001, junho de 2020.

11 Foram três números do Boletim Dobradiça Diretoria de Cartéis e Intercâmbio: Ano 0, número 001, junho de 2020; Ano 0, número 002, outubro de 2020; e, por fim, Ano 1, número 003 de abril de 2021.

12 Conferência de Éric Laurent em 27 de novembro de 2024 na Universidade de Buenos Aires (UBA). Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLuR_uMA?si=fcg6LokCMoXno7W. Acesso em 05-01-2025.

13 BROWN, N. “Momentos de Inter-Câmbio”. In: *Correio Express*, 013, setembro de 2019. Disponível em: https://www.ebp.org/correio_express/2019/09/11. Acesso em 19/01/2025.

Tereza Groisman¹⁴, que não só apoiou as atividades de interlocução com atuações artísticas na cidade, como endereçou à Escola notícias das atividades “Leituras em cena” e “Cinema e psicanálise”, que aconteceram na seção Rio¹⁵.

Rede

Em nossa época, estamos conectados em diversas redes que colocam o corpo do ser falante em jogo de modo presencial ou virtual, onde singular e coletivo se articulam. Esse modo de funcionamento não escapou a Miller: “Outro discurso está em vias de suplantar o antigo. Em vez da hierarquia, a rede. O atrativo do futuro leva a vantagem sob o peso do passado. O feminino alcança o viril¹⁶.”

No Seminário de Política da Psicanálise na EBP-RJ houve uma interlocução em rede entre os campos da arte, política e psicanálise, em que as conexões com o feminino demonstram essa mudança de discurso. Na abertura, Paulo Vidal enfatizou: “Uma das condições para a sobrevivência da psicanálise é a de que o analista não se enclausure, não se feche no próprio discurso e que fale a língua do outro. Não para dizer o que é, mas para perguntar”.¹⁷

Extraímos um *momento de intercâmbio* no enlace entre o depoimento da artista visual Natali Tubenchlak e a leitura de sua obra por Claudio Oliveira, curador e professor de filosofia orientado também por referências da psicanálise. Claudio comentou o processo de pesquisa desenvolvido em parceria com a artista, que resultou em um livro que mostra a construção da obra como expressão de um lugar de fala: o de uma mulher brasileira numa sociedade latino-americana. Desde a Grécia, o homem adulto está na posição de sujeito, enquanto a criança, a mulher, o escravo, o estrangeiro estão no lugar de objeto, que é fundamentalmente um lugar de abuso, de alvo agressivo. Os trabalhos de metamorfose do corpo feminino com cabeça de flora ou fauna denunciam esse lugar de objeto que Claudio denominou ecofeminismo.

Natali comentou seu processo de criação nas séries *Vaga certa*, *Goela abaixo* e *Lazarento*, através de gravuras e colagens de imagens superpostas da pornochanchada dos anos 70 e de manifestações políticas de 2013 a 2016; montagem que revelou o enredo da história política brasileira nos últimos anos, para a qual Claudio forjou o conceito de pornopolítica.

14 GROISMAN, A. T. (Diretora de Cartéis e Intercâmbios da EBP-RJ). “Momentos de Inter-Câmbio”. In: *Correio Express*, 013, setembro de 2019. Disponível em: https://www.ebp.org/correio_express/2019/09/11. Acesso em 19/01/2025.

15 A atividade “Cinema e psicanálise” resultou na publicação dos livros de JIMENEZ, S. (Org.). *No cinema com Lacan: O que os filmes nos ensinam sobre os conceitos e a topologia lacaniana*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2014 e de MAIA, A. M. (org.). *Cinema e psicanálise: uma homenagem a Stella Jimenez*. Goiânia: Editora Kelps, 2021.

16 MILLER, J.-A. Contracapa de LACAN, J. *O seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

17 Seminário de Política da Psicanálise da Diretoria da EBP-RJ, coordenadores Paulo Vidal e Cristina Duba, em Youtube, canal da EBP RIO.

Para Freud, a melancolia é originariamente uma revolta¹⁸, o que, segundo o curador, ganha uma dimensão política no processo criativo de Natali. A melancolia seria um ponto de contato entre as duas vertentes, que são paralelas, mas, às vezes, se tocam: o ecofeminismo e a pornopolítica. Nesta última, a obra sai desse lugar de revolta e assume a perspectiva de um ativismo político, onde a ironia, o sarcasmo e o humor ganham espaço.

A série “Dá-se assim desde menina” é composta por bonecas sem cabeça. Em sua leitura, Cláudio demarca aí um ponto radical na obra de Natali e uma alusão tanto ao feminismo quanto ao feminino. “Talvez, o mais importante seja o gesto de tirar a cabeça das bonecas, de fazê-las perder a cabeça, o gesto de dar ao público o vazio da cabeça para que em seu lugar advenha o que quer que seja ou o que quer que se queira.”¹⁹

Uma questão importante que percorre o trabalho de Natali é sobre a construção da imagem da mulher: “Essa coisa de rede social, hoje em dia, me faz pensar muito em como as mulheres se mostram. [...] Não só da imagem que crio, mas também da que é exibida. A gente também podia fazer um recorte do meu trabalho: antes e depois das redes sociais. Acho que a coisa muda muito e me faz repensar tudo.”²⁰

Momentos de intercâmbio

Essa interlocução despertou minha curiosidade sobre o processo criativo, sobre o que está em jogo nas obras com as referências artísticas e políticas que as atravessam. A metamorfose do corpo feminino nas obras de Natali e na leitura de Claudio abrem uma brecha para verificar possíveis deslocamentos na posição de identificação ao objeto, importante questão clínica. No campo da arte, a metamorfose dos corpos híbridos; no campo da psicanálise, a mutação de gozo²¹. Metamorfose e mutação de gozo não são noções que se recobrem, mas podem constituir saberes litorais. Como o analista pode se inspirar na arte para operar com o real? A aposta no intercâmbio da psicanálise com outros campos discursivos faz parte da política da Escola. Uma possibilidade é a Diretoria de Cartéis e Intercâmbio investir em atividades em parceria com outras diretorias, buscando enlaces com interlocutores na cidade.

* Doris Rangel Diogo - Membro da EBP/AMP. Diretora de Cartéis e Intercâmbio da EBP RJ.

**Viviane de Lamare- Integrante da Diretoria de Cartéis e Intercâmbio da EBP RJ

18 FREUD, S. (1917). “Luto e melancolia”. In: *Neurose, psicose e perversão*. Obras incompletas de S. Freud, v. 5. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

19 OLIVEIRA, C. *Natali Tublenchlak: Ecofeminismo e pornopolítica*. Rio de Janeiro: Circuito, 2022, p. 266.

20 Idem, p. 137.

21 DIOGO, D. “Olhar e mutação de gozo”. In: *Nós e o sinthoma*. Org. Angélica Bastos e Stella Jimenez. Rio de Janeiro: Instituto da Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro, 2023.

INTERCÂMBIO: ENTRE SABER E IGNORÂNCIA

MÁRCIA MEZÊNCIO¹

Este texto se insere no projeto de investigação da Diretoria de Cartéis e Intercâmbio da EBP, que tem como objetivo discutir o intercâmbio. Ancorada na 3ª seção do “Ato de fundação”², a orientação da EBP para o intercâmbio com outras entidades e áreas de cultura afins é “localizar o limite do saber.”³ Tentarei apontar brevemente de que saber se trata, seu papel nas ações de intercâmbio e, finalmente, como uma tentativa de interrogar a localização de cartéis e intercâmbio no âmbito de uma mesma diretoria, se algo da lógica e da estrutura do cartel pode ser “aplicado” ao intercâmbio. Trata-se de uma relação não evidente e, por isso, me parece necessário buscar pontos de contato e diferenças.

A EBP-MG, em sua Jornada de Cartéis de 2024, interrogou o cartel a partir do estatuto do saber que o mobiliza e atravessa. O tema foi abordado a partir do lugar privilegiado ocupado pelo cartel na formação do analista, o saber implicado nessa formação e o impossível de ensinar sobre o real do gozo. Jorge Assef, nosso convidado na ocasião, lembrou que “a formação de um psicanalista se faz bordejando esse impossível (de ensinar), transformando-o em um resto fecundo que o relança ao trabalho a cada vez”.

No que se refere ao intercâmbio, caberia interrogar seu papel na formação analítica e qual é o saber em jogo nesse contexto. Seguirei a referência ao ensino, considerando que a forma pela qual ele é sustentado pelos analistas altera, e mesmo subverte, os modos comuns de se ensinar e de concebê-lo. É Lacan quem in-

1 Psicanalista, Membro EBP/AMP, Diretora de Cartéis de Intercâmbio da Seção MG, gestão 2023-2025.

2 LACAN, J. (1955). “Ato de fundação”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 237-238.

3 EBP. “Intercâmbio – Momentos de intercâmbio – Apresentação”. Disponível em: <https://ebp.org.br/carteis-apresentacao/intercambio/>.

verte essa concepção comum, ao se referir ao próprio ensino: “Se eu ensino, é para instruir-me a mim mesmo”. Ensino esse que, segundo Miller⁴, desemboca em um certo apaziguamento da paixão pela verdade e em um desencanto da psicanálise, por sua face de ficção.

No caso do intercâmbio, o psicanalista iria à cidade para se instruir? Parte-se da orientação de que o artista precede e ensina o psicanalista? E de que a psicanálise só se tornou possível com o advento da ciência? Estaria articulado à chamada “douta ignorância”, como a que permite o acesso ao saber que interessa à psicanálise?

“O que o psicanalista deve saber: ignorar o que ele sabe”, ensina Lacan⁵, acrescentando, mais tarde, que a ignorância é a paixão do analista e, por outro lado, que a psicanálise é um remédio contra a ignorância. Segundo Tarrab, vê-se aí que “a posição de Lacan quanto ao saber e à formação não leva em conta o esplendor do saber”, considerando também que “a psicanálise não se pode dominar totalmente – nem como saber, nem como experiência”, sendo esse o “verdadeiro limite de qualquer formação planificada”⁶.

A condição para se formar como analista é o reconhecimento do sintoma da ignorância, que não é descrença ou falta de saber, mas paixão. Saber ignorar o que sabe não equivale a não saber, não é um elogio da ignorância no sentido de não saber nada, mas uma posição de abertura ao novo, bem como uma aposta num laço social que não seja de domínio. Assim, a posição do analista não pode se pausar em encarnar um saber exposto, mas, ao contrário, busca alojar isso que Lacan chamou “paixão da ignorância”.

O estatuto do saber varia com o lugar que ele ocupa no discurso. Os quatro discursos descritos por Lacan – do mestre, do universitário, da histeria e do analista – estão montados sobre a falha no saber, $S(A/)$, sem reconhecê-la ou tê-la como causa, à exceção do discurso do analista. O discurso da histeria milita a favor da falta (no Outro) e a revela, enquanto o discurso universitário busca velá-la⁷, preservando o saber do mestre, cujo discurso elude a divisão do sujeito sob a barra. Ao não pretender dar a solução, o discurso analítico apresenta-se como um saber aberto que se opõe à totalização e à tirania do saber, características do discurso universitário. Em psicanálise, o estatuto do saber não é o de sabedoria nem o de revelação, o que faria dele uma verdade. Quando ensina, o analista se situa no discurso da histeria. É na posição de analisante que o analista pode ensinar, posição que também opera no cartel e que pode funcionar no intercâmbio.

4 MILLER, J.-A. “Lacan que enseña”. In: BRODSKY, G. *Los psicoanalistas y el deseo de enseñar*. Buenos Aires: Grama ed., 2023.

5 LACAN, J. (1955). “Variantes do tratamento padrão”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 351.

6 BRODSKY, G. *Los psicoanalistas y el deseo de enseñar*. Buenos Aires: Grama ed., 2023, p. 128.

7 Idem, p. 118.

O saber, tomado pela via do furo no saber no real, é onde se situa a função e o efeito de formação: “um encontro que revela uma falha no saber que não pode ser completada com os recursos imaginário-simbólicos aos quais estamos habituados”, pois o decisivo para a formação “não é a mera acumulação, mas a ruptura”⁸. Segundo Assef⁹, “os efeitos de formação geralmente ocorrem nos pontos de cruzamento entre o cartel e a análise, entre a supervisão e a análise, entre o estudo teórico, a supervisão e a análise etc.” Destaca-se a importância da análise pessoal como o que decide a formação, gerando a produção de um saber singular. Caberia perguntar: no cruzamento entre a psicanálise e outros campos de saber, os momentos de intercâmbio poderiam ter efeitos de formação? Haveria, nessa prática coletiva, a emergência de um saber que valeria para um?

A prática do intercâmbio também se articula em relação ao furo no saber. Sigo com duas colocações de Assef sobre o cartel¹⁰, que talvez possam ser estendidas à experiência de intercâmbio: “a estrutura do cartel procura preservar o vazio que funda um saber inédito, e a formação que dali se deriva não é uma formação totalizante”; e, sobre a permutação, como o que “faz com que o saber sempre circule renovado, a partir do encontro com o diferente e o contingente que surgem do intercâmbio com um outro que não consideramos como suposto”, mas que tem algo a dizer.

O efeito de intercâmbio que se espera é da ordem da contingência, podendo ou não acontecer. Não é uma troca ou aplicação, mas uma forma inédita, no âmbito de uma conversação, de utilizar o saber (da ciência, arte, filosofia, linguística, topologia) – aquela que Lacan adotou ao longo de seu ensino. Uma hipótese é a de que o limite do saber, tal como um corte, possibilite-nos fazer funcionar de uma outra maneira a própria psicanálise. Trata-se de fazer ex-sistir a psicanálise nas condições do presente, conectada com a subjetividade da época, levando em conta a crise contemporânea em relação ao saber. Busca-se construir, “não sem os outros”, uma borda ao furo no saber.

8 Idem, p. 119.

9 ASSEF, J. *O impossível de ensinar, o saber para a psicanálise*. Curinga n. 58, 2024, p. 114-128.

10 Idem.

O LUGAR DO INTERCÂMBIO

MARILSA BASSO

Tomamos como ponto de partida o fato de que a enunciação é a política que nos orienta e, a partir desse ponto, podemos considerar a “Escola Sujeito”¹ como sendo a sede dessa política. Nessa vertente, os intercâmbios com diferentes áreas de saber, sobretudo com os discursos dominantes de nossa época, são necessários para que ela mesma, a Escola, se mantenha ‘viva’.

Entretanto, não são poucas as questões em torno do intercâmbio. Quanto à sua função e ao seu lugar na psicanálise, destaco algumas: lançar-se em uma atividade de intercâmbio diz de uma posição política do analista em sua posição de sujeito? A que serve a psicanálise no âmbito político? É sobretudo no contexto das articulações entre discursos que o psicanalista pode estar à altura da “subjetividade de sua época”²? O paradigma “o inconsciente é a política”³, implica quais aspectos práticos para as ações analíticas no contexto social? Como se pode sair do plano especificamente clínico sem cair no discurso do mestre e podendo deixar-se interpelar em seu próprio discurso? O que é um intercâmbio e, afinal, em que condições ele é efetivamente possível?

Talvez seja preciso situar algo do que se pode chamar de político e do que se trata de um intercâmbio. Tomamos como referência os quatro discursos propostos por Lacan no seminário *O avesso da psicanálise*⁴, em que ele descreve os elementos e os lugares e, nestes, os giros discursivos. Diz Lacan: “A intrusão na

1 MILLER, J.-A. “Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola”. In: *Opção Lacaniana online nova série*. Ano 7. Número 21. Novembro 2016.

2 LACAN, J. (1953) “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 322. “Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”.

3 LACAN, J. (1966-1967). “A Lógica do fantasma”. *Livro 14*. Rio de Janeiro: Zahar, 2024, p.267.

4 LACAN, J. “Produção dos quatro discursos”. In: *O Seminário. O avesso da psicanálise. Livro 17*. Zahar, Rio de Janeiro, 1991, p. 9.

política só pode ser feita reconhecendo-se que não há discurso – e não apenas o analítico – que não seja do gozo, pelo menos quando dele se espera o trabalho da verdade”.⁵

Uma maneira de entender o ‘político’ na perspectiva de um intercâmbio entre discursos seria o próprio movimento entre esses lugares, ou seja, uma provocação de possíveis giros, sendo o inconsciente o que os determina?

A demanda do contemporâneo é de um operador sem furos, ou seja, ela é um apelo a uma ciência que dê conta de preencher as lacunas de tudo que falta, o que lança a humanidade na busca de sentidos, de explicações e de razões. Diante disso, uma quantidade cada vez maior de psicodiagnósticos, de coletivos muitas vezes segregacionistas, de medicalizações de qualquer afeto ou sentimento ‘fora de lugar’, que venham a supostamente dar conta de qualquer desequilíbrio. Para o mal-estar: promessas, testes, remédios ou protocolos. Esclarece Éric Laurent:

“O discurso político, o discurso do mestre, faz da identificação a chave para uma captura. Como já sublinhado por Jacques-Alain Miller: “Aos olhos de Lacan, a política procede mediante identificação, manipula significantes mestres, busca desta maneira capturar o sujeito. Este, é preciso dizer, não pede outra coisa, sendo, como inconsciente, carente de identidade, vazio, evanescente”. Este discurso do mestre procede de maneira inversa à psicanálise, que parte das identificações para dirigir-se até o núcleo de gozo que estas mascaram”⁶.

Colocar em discussão os fenômenos sociais e possibilitar a circulação dos discursos entre diferentes áreas de saber é tomar uma posição frente aos modos de segregação implícitos nos laços sociais. Questões em torno do racismo, do feminicídio, dos imperativos acerca da imagem e da estética do corpo, das disputas religiosas, dos extremismos partidários, dos nacionalismos, da homofobia, do machismo, enfim, das diferenças sociais, culturais, religiosas e linguísticas, precisam ser tratadas à altura de conversações orientadas, pois quanto mais caladas ou aplacadas, mais alienantes, e tanto mais alimentarão o ódio.

Trabalhamos com modos de gozo, que são sempre singulares, mas que na massa ou nas formações coletivas se homogeneízam por identificações imaginárias e simbólicas. A psicanálise vai na contramão das identificações, e o inconsciente revela, o tempo todo, suas marcas. Quando propomos um intercâmbio, não deixamos de tocar nos diferentes modos de gozo. A brecha possível, então, para que algo possa fazer eco em nosso próprio discurso ou nos demais discursos, está em não tamponar os pontos de tensão, de diferenças, de desacordos, assim como

5 LACAN, J. “O campo lacaniano”. In: *O Seminário. O avesso da psicanálise. Livro 17*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991, p. 74.

6 LAURENT, É. “El traumatismo del final de la política de las identidades”. In: *Política y psicoanálisis*. Zedig. España: RBA, 2023, p. 107.

está em não ter a intensão de um resultado prévio a ser obtido, exceto a experiência como lugar de extração de uma possível enunciação. Ela está na hiância, quiçá uma contingência para a emergência de algo novo.

Um intercâmbio não se dá simplesmente quando propomos uma conversação com diferentes áreas. Trata-se de momentos em que algo pode abalar um crivo de realidade pautado no saber absoluto da ciência ou em uma alienação a um discurso dominante. Para que de fato ocorra um intercâmbio, é preciso que um real em jogo seja sustentado e suportado. Nas operações discursivas, pode-se interpelar algum ponto fazendo vacilar o significante mestre de um discurso dominante, ou ao menos interrogar(se) sobre aquilo que se tem como ‘verdade’, para que algo entre-saberes circule. Afinal, “não existe verdade que se possa dizer toda”⁷, como ensina Lacan. Essa me parece ser a função fundamental de um intercâmbio: possibilitar uma operação onde algo do real possa ser tocado, como um respiro na avalanche dos inúmeros modos de dominação efetuados pelas mestrias e pela ciência. Como aponta Éric Laurent: “Há que se passar do analista reservado, crítico, a um analista que participa, a um analista sensível às formas de segregação, a um analista capaz de entender qual foi sua função e qual lhe corresponde agora”⁸.

Realizar conversações, como modo de provocar possíveis intercâmbios e tomar seus efeitos como causa, seria favorecer um modo político de operar? Seria, ao mesmo tempo, estarmos pautados numa ideologia? Vemos que, diante de tantos acontecimentos contemporâneos onde há a eminência da pulsão de morte, algo se impõe de modo brutal, e diante disso a posição analítica tem sido cada vez mais enfática, ou seja, quebrando uma suposta neutralidade. Cito como exemplos a ameaça à democracia, a misoginia, a xenofobia, o racismo. Logo, diante do que se apresenta em um cenário ameaçador, há que se ter a marca de um discurso orientado como eixo, ainda que sob uma posição ideológica, não necessariamente fechada em ideais.

As atividades em que podemos pinçar *momentos de intercâmbio*, nas diferentes instâncias da psicanálise de orientação lacaniana, seja no âmbito das Escolas, dos Conselhos, ou do Campo Freudiano de modo geral – tal como o Cien em sua vertente de investigação e de intervenção, o Zadig como ato político, o exercício dos observatórios sob a égide da Fapol, entre outras atividades de intercâmbio exercidas pelas Escolas –, seriam as “patas sociais” da psicanálise? Tomado dessa maneira ampla, podemos afirmar que os lugares do intercâmbio são diversos e determinados pelos desejos dos analistas.

Vou adentrar especificamente no âmbito da Escola Brasileira de Psicanálise – a EBP. Cada Escola do Campo Freudiano opera de sua maneira, com estatutos

7 LACAN, J. (1973) “Nota italiana”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 315.

8 LAURENT, É. “O analista cidadão”. In: *A sociedade do sintoma, a psicanálise hoje*. Contracapa. Rio de Janeiro, 2007, p. 143.

próprios e regulados pela Associação Mundial de Psicanálise. Na EBP, o intercâmbio foi alocado, a priori, na diretoria de Cartéis, por praticidade e pela distribuição de funções. As atividades de intercâmbio já aconteciam em nossa Escola, mas entram formalmente no estatuto junto à Diretoria, então nomeada de Cartéis e Intercâmbio, em 2019. Cabe ressaltar que se trata de uma Diretoria Executiva orientada por um Conselho Deliberativo (responsável pelo estatuto), instâncias estas que acordaram essa alteração estatutária. Essa inserção do intercâmbio junto à diretoria de cartéis é uma particularidade da Escola Brasileira.⁹

Como registro importante, recorto um fragmento de nossa história da EBP. Retomo o relatório da diretoria de Cartéis e Intercâmbio de 2019-2021, no qual Nohemí Brown situa que em 2019 houve essa mudança no estatuto, mediante a qual “os Cartéis e o Intercâmbio passaram a ser situados de forma explícita na Diretoria”, onde foi necessário “circunscrever o significante ‘intercâmbio’”. Cito o relatório:

“Segundo a proposta do Conselho da EBP, no novo estatuto, trata-se de “promover intercâmbios com outras entidades e áreas afins”. Neste sentido, foi fundamental tomar como orientador a terceira Seção do Ato de Fundação para cernir o valor do intercâmbio na relação da psicanálise com campos afins. Mais do que extrair um saber de outra disciplina ou oferecer o nosso, resulta fundamental localizar o limite do saber e, a partir dessa troca, abrir brechas que, não sem surpresa, forcem ao bem-dizer ou a uma forma, por vezes inédita, de considerar uma questão. A aposta inicial foi a de fazer um recenseamento das atividades desta ordem que já aconteciam nas Seções, às vezes de forma tangencial.”¹⁰

Penso ter sido essa alteração prática e estatutária uma escolha acertada e arisco afirmar que com certa lógica. Faço uma analogia entre os cartéis e o intercâmbio pelo fato de que a própria estrutura do dispositivo do cartel comporta uma diversidade discursiva e, em sua dinâmica, os discursos necessariamente devem circular. Ao mesmo tempo em que a Escola exerce uma função na sociedade, colocando em xeque os significantes dos discursos que alienam, a Escola, ela mesma, deve ser interrogada, interpelada, para que não se finde em si mesma como um grupo. No cartel, para que ele não seja grupo, é preciso que o ‘mais-um’ exerça uma certa extimidade, esvaziando os processos identificatórios próprios ao funcionamento de grupo. Como? Pelo seu ato provocativo na investigação, pela sua posição de não responder pela via da mestria, pela função de instigar a busca de saber, pela extração de um saber singular da produção de cada um e, finalmente,

9 Um agradecimento especial a Heloisa Prado Rodrigues da Silva Telles que, com sua cuidadosa pesquisa diante os estatutos das Escolas do Campo Freudiano, contribuiu para essa afirmação .

10 BROWN, N. *Relatório da Diretoria de Cartéis e Intercâmbio de abril de 2019 a abril de 2021*. Não publicado.

pelos giros discursivos. O intercâmbio, ao provocar conversações entre discursos de áreas diferentes e por vezes divergentes, pode trazer a riqueza de quebrar padrões, indagar vocabulários que às vezes usamos e com os quais nos familiarizamos, proporcionar interrogações sobre nossas práticas, fazendo furo em nosso próprio 'saber não todo'. Essa ação aporta, assim, um 'dentro e um fora' do que é instituído, no laço e no desenlace com os discursos sociais, científicos, religiosos ou leigos, um 'dentro e um fora' – efeito 'dobradiça' – de nossa Escola, o que nos faz progredir.

Em seu texto “A Europa do discurso”, Christiane Alberti diz que os recursos do discurso, tal como Lacan forjou sua estrutura, constituem uma bússola sem igual para a psicanálise e para o psicanalista. Ele, Lacan, constrói sua categoria de discurso como laço social. Diz Alberti: “Não basta garantir uma condição de ser – ser cidadão –, deve-se alcançar uma maneira de existir – existir como cidadão –, se “existir não é ser, mas depender do Outro”¹¹.

Se discurso é laço social e o Outro é o lugar da fala¹², isso nos leva a um ponto lógico: fazer circular os diferentes discursos no Outro social, com o que de real possa não ser obstruído, é a sobrevivência possível da psicanálise. Se não muito, recorro a Lacan em “A terceira”: “O futuro da psicanálise depende do que advirá desse real”¹³, este que não cessa e que não podemos deixar que se escancare nas guerras, que se aprisione nos discursos extremistas alienantes, nem tampouco que acabe em túmulo.

Diz M.-H. Brousse: “Lacan faz uma oposição entre, por um lado, a ciência, na qual há um saber, mas não uma ordenação de gozo. A psicanálise, por outro lado, que é um saber, tem uma certa relação com o saber científico, mas que é também um laço social. É justamente porque a psicanálise é um laço social, portanto um tratamento de gozo, que o psicanalista está necessariamente envolvido com a questão do político.”¹⁴

A nossa Escola Sujeito, em sua posição e em sua função política, disponibiliza, desse modo, diferentes lugares aos intercâmbios necessários ao exercício de seu laço social.

11 ALBERTI, C. “La Europa del discurso”. In: *Política y psicoanálisis*. Zedig. Espanha: RBA, 2023, p. 162.

12 LACAN, J. (1966-1967). *Op. cit.*

13 LACAN, J. (1974). “A Terceira”. In: *Opção Lacaniana 62*. Eolia. Dezembro 2011, p.33.

14 BROUSSE, M.-H. *O inconsciente é a política*. Org. Carmem Silvia Cervelatti. 2ª ed. EBP-SP. 2018, p.34.

CARTÉIS

SITUAÇÕES ENCONTRADAS/
RICARDO BECKER

FÁTIMA PINHEIRO

A imagem escolhida para o cartaz das Jornadas de Cartéis 2025 é da autoria do artista Ricardo Becker e se intitula “Situações encontradas”. Conversamos com o autor sobre seu processo de trabalho, que discute ao longo de sua trajetória importantes questões, entre elas: lidar com o improvável e com a contingência em sua obra. “Situações encontradas” antecipa todo o seu processo, ao ter início em 1975.



Assim Ricardo Becker introduz a origem de seu trabalho: “Tudo começa em uma prova de colégio, quando eu escrevia com um lápis grande apontado nas duas extremidades, para não lidar com a contingência de quebrar uma das pontas”. E continua: “Na verdade, isso acontece durante a prova, mas não comigo, mas com um colega meu. Ao vê-lo sem lápis, prontamente quebrei o lápis ao meio e dei a ele a outra metade para que terminasse a prova”. “Contudo, em 1989, dentro de um avião, ao cruzar o Oceano Atlântico, entre a Europa e a América do Sul, em solitude absoluta, no ar, nasce a ideia do trabalho que intitulei “Situações encontradas”, que remete à contingência do lápis, e um outro que chamei de “Entre algum lugar nenhum”. “Situações encontradas” é um tríptico, ou seja, faz parte de uma série de três, e essa imagem escolhida para o cartaz é uma das partes desse tríptico”,

diz Ricardo. “É curioso observar que esse trabalho pode apontar para encontros e desencontros, apontar para a união-separação, como também mostrar uma fusão ou desordem”, acrescenta.

Não sem os furos? Pergunto a ele. Ricardo então responde: “Sim, é quando eu coloco a “chave matemática”, é o que fecha e abre a equação, o que faz o trabalho continuar!” Chaves que ao mesmo tempo que convocam a

polissemia de significados metafóricos, como abrir ou fechar, são elementos essenciais para a eficiência de um sistema. Essas chaves matemáticas, por se apresentarem vazias, anteriores a qualquer sintaxe, livres de sua função de linguagem, ao ganhar corporeidade, ou seja, em aço, madeira ou vidro, inscrevem-se no espaço, pontuando-o. E convocam o corpo, tanto pela escala das peças, em aço, quanto para desnorteá-lo sob os efeitos defletores do vidro.¹

Podemos concluir que o vazio e os furos que as chaves engendram permitem que algo novo possa advir. Ricardo Becker, em seu processo, de um trabalho a outro, ao utilizar-se de um simples signo gráfico da natureza do parêntese, nos ensina como um processo pode levar um trabalho a dar lugar a outro ou, ainda, criar um entre algum lugar nenhum. Suas situações encontradas, ao mesmo tempo em que estão atravessadas pela contingência, nos lançando na dimensão do não-todo, não se rendem aos detalhes pela via da repetição. Nos convocam *entre algum lugar nenhum* à experiência do cartel, de ir ao encontro de algo além, incluindo, a partir das situações encontradas, os furos, os impasses e os tropeços. Despertando, assim, o que Lacan chamou de saber alegre², aquele que se constrói e se inventa.



1 FERREIRA, G. *Algum lugar*. Matias Brotas Arte Contemporânea. Vitória/ ES.

2 LACAN, J. “Televisão”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2003, p. 525.

O PLANO LACAN...¹CLARA MARÍA HOLGUÍN²“O bem mais precioso”³

Gostaria de agradecer Marilsa, Diretora de Cartéis e Intercâmbio, Patrícia Badari, Diretora da EBP, e Luiz Francisco Espindola, Presidente do Conselho, pelo convite para participar dessa Jornada de Cartéis. É sempre um grande prazer para mim estar na EBP.

À luz do que é conhecido como plano Lacan, tal como podemos ler no Ato de Fundação, que, “no campo aberto por Freud, restaure a sega cortante de sua verdade”, objetivo de trabalho indissociável de nossa formação, para o qual Lacan adota o princípio de uma “elaboração apoiada num pequeno grupo”⁴, gostaria de fazer eco às palavras de C. Alberti, nas primeiras jornadas de cartéis da NEL: “numa época em que a palavra é cada vez mais instrumentalizada, o cartel não é o bem mais precioso?”⁵

Tomo sua proposição para tentar, com ela e com as de alguns outros que participaram da referida jornada e deram suas contribuições sobre o bem dizer *no* produto, responder por que podemos considerar o cartel como o “bem mais precioso”, e que uso podemos fazer dele. De início, é importante ressaltar que atribuir a ele o estatuto de bem precioso introduz a questão ética.

Sem nenhum fundamentalismo, não colocamos em dúvida que existam outros meios para a formação, difusão e transmissão da psicanálise. A exigência ética de Lacan é de que o trabalho passe pelo Cartel, por isso, proponho questionar,

1 Conferência pronunciada em 21/03/2025, nas Jornadas de Cartéis 2025 da EBP.

2 AME – Membro da NEL-cf e AMP.

3 ALBERTI, C. “Un bienpreciado”. In: *Bitácora Lacaniana*, n. 13. Buenos Aires: Grama.

4 LACAN, J. (1964). “Ato de fundação”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 235.

5 ALBERTI, C. *Op. cit.*

junto com Miller⁶ (como ele fez nos anos 90), se o cartel é, efetivamente, entre nós, O meio para realizar O trabalho, ou se é preciso renová-lo. Nos anos 1980, como todos sabem, tendo dissolvido a EFP, pelos efeitos imaginários de pregnância e de prestígio que haviam bloqueado a ética analítica e o próprio ato analítico, Lacan relança a Causa Freudiana, em seu texto *D'e(s)colagem*⁷. Ele faz descolar, destaca essa causa que é o campo, o campo freudiano, e propõe ali “restaurar o cartel a seu favor”, acrescentando sua formalização. Ou seja, ele refina as condições do dispositivo. Poderíamos dizer que *D'e(s)colagem* é para o cartel o que a *Proposição* é para o passe.

Notamos que não se trata de simples regras para garantir unanimidade – reúnam-se, escolham um mais-um, separem-se, etc. – mas sim uma tomada de posição, como Ram Mandil lembrava na NEL há algum tempo, “uma tomada de posição em relação aos elementos que constituem um laço social”, laço do qual um produto é obtido. Retornar aos seus fundamentos, dizia Ram, nos permitirá ter um impacto em nosso debate sobre um desejo que anima a comunidade analítica, um desejo que proponho pensar, retomando Lacan em *D'e(s)colagem*, como o anseio de “ex-sistir”⁸.

Em que consiste essa tomada de posição? Trata-se de localizar os elementos de um laço que nos permita responder de forma diferente ao estilo social contemporâneo (que tende cada vez mais a implementar políticas segregativas), um laço que responda de forma diferente ao que caracteriza os fenômenos de massa e o individualismo dos ‘eu’ (autorreferências), dos quais os psicanalistas não escapam, esquecendo o inconsciente e cobrindo o sulco aberto por Freud, a hiância que nos constitui. Em outras palavras, Lacan propõe um tratamento contra a defesa do esquecimento do inconsciente.

Ele propõe uma maneira de criar um laço que neutralize a tendência a esse esquecimento e, assim, mantém o ‘fio cortante da descoberta do inconsciente’. Tratamento a ser feito, “o luto é um trabalho”⁹.

Um luto é o trabalho que se renova a cada vez que o projeto do cartel é empreendido, quando se decide fazê-lo, inscrevê-lo na Escola, escrever um produto e também, eu diria, quando ele é dissolvido. “A dissolução nada mais é do que mais uma instância da luta para impedir que a hiância sobre a qual se funda o campo freudiano seja preenchida.”¹⁰ Esse tratamento consiste em renovar o ato, isto é, relançar nosso campo e irradiar sua causa, contrariando verdades universais, para acomodar a enunciação. Esse é o seu Plano.

6 MILLER, J.-A. “O cartel no mundo”. In: Brown, N. I. *Cartel, novas leituras*. EBP: São Paulo, 2021, p. 22.

7 LACAN, J. (1980). “D'e(s)colagem”. In: *Nos confins do Seminário*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022, p. 67.

8 Idem, p. 67.

9 Idem, p. 66.

10 MILLER, J. “El Campo Freudiano”. In: *Bitácora Lacaniana*, n. 13, Buenos Aires: Grama.

Antes de retornar a esses fundamentos, aos fundamentos desse laço, gostaria de lembrar o que Lacan entende por campo, por “campo freudiano”, porque seu objetivo é renová-lo.

Vou me permitir retornar a uma bela conferência de Judith Miller, que será publicada na próxima *Bitácora Lacaniana*, n. 13, a ser lançada em breve, e que, embora não seja inédita, pois foi publicado em uma *Revista ECFC*¹¹, toma essa dimensão na nova escola lacaniana, a NEL: “O campo”, dizia Judith Miller, “não é um pedaço de terra no qual um edifício ou um arranha-céu é construído para obter rendas. É um terreno em que você colhe o que semeia, em que o que você semeia só dará frutos se você fizer o que for necessário para torná-lo fecundo... É na atopia desse campo que se faz brotar a causa analítica... de modo que o discurso analítico seja diferente...”¹² E acrescenta: “A descoberta de Freud é a descoberta do inconsciente. O fato de o dr. Lacan caracterizá-lo por seu fio aponta para dois de seus atributos. O primeiro atributo implica que essa descoberta corta, divide, faz de um, dois: o sujeito de que trata a psicanálise é, essencialmente, um sujeito dividido, dividido entre um saber que ignora e uma verdade que não sabe dizer. O segundo atributo, correlativo ao primeiro, é que o corte implica não apenas uma divisão, mas também um oco, uma falta, uma hiância...”.

A renovação desse campo introduz um chamado, o dever (ético) de manter a hiância, o furo. Essa era a preocupação permanente do ensino do dr. Lacan, dizia Judith: “que essa hiância não fosse obturada, que ela fosse utilizada e elaborada”, dentro e fora da comunidade analítica.

Dito isso, e tendo em mente essa renovação que faço ressoar – no âmbito do trabalho que será realizado hoje – vejamos por que o cartel é um dispositivo precioso (precioso) para sustentar a posição de Lacan e provocar o anseio de ex-sistir. Como alguém pode ex-sistir nesse dispositivo de trabalho? Ou talvez a questão seja: como o dispositivo de cartéis permite ex-sistir?

Lacan coloca a possibilidade de criar um grupo que não seja um grupo, um grupo fora do conjunto de grupos. A que se refere? Vamos começar com o que não é. Não é uma associação do tipo sindicato, aquelas organizações em que várias pessoas se juntam para ajudar umas às outras e promover seus interesses. Nem é uma associação como uma comunidade religiosa, onde o número de pessoas é ilimitado e o anonimato prevalece, compartilhando uma verdade que tem valor universal.

Lacan aspira a formar um grupo fundado naquele desejo raro que é “o anseio de ex-sistir”, de fazer nascer o ânimo, de inculcar, incutir e/ou despertar uma ma-

11 NT: Conferência pronunciada na Escuela del Campo Freudiano de Caracas em 1985. Publicada originalmente em *Análítica* # 6 y 7, Revista Semestral de la Escuela del Campo Freudiano de Caracas, Editorial Ateneo de Caracas, Venezuela, Enero-Diciembre, 1985. Agradeço à autora a referência da publicação original.

12 MILLER, J. *Op. cit.*

neira de ser “à parte”; introduzir no seio do coletivo um corte que individualize e faça prevalecer a singularidade na execução do trabalho. Ao contrário das identificações, que asseguram o dentro e o fora, o eles e o nós, ex-sistir visa a permanecer fora de..., à parte, privilegiando o traço próprio, o um por um, pois como aponta Lacan: “nesse pequeno número (o do cartel) há uma ligação com o fato de que nesse pequeno grupo cada um leva seu nome”¹³.

Fazer surgir o ânimo de estar “à parte” é inspirar a ir contra o todo e contra o Não que instaura o todo. É um vínculo que se baseia na ab-negação.

Vejamos. Quais são as condições que nos permitirão tender para essa abnegação?

O dispositivo do cartel é um vínculo limitado. Há um limite em número, em tempo e em nome.

Primeiro, tem um número limitado de participantes, é uma comunidade limitada. Pelo menos três. Nesse tipo de laço, distinguem-se duas categorias: a dos cartelizantes, jovens e não tão jovens, cada um trabalhando à sua maneira, e a do Mais-Um, que deve estar sempre presente. É uma presença que encarna o furo, um furo provocador que limita o todo e o impede de cair no individualismo completo.

Segundo, o tempo é limitado. Se por um lado a limitação do tempo, pelo efeito da permutação, impede a colagem característica do grupo, por outro, precipita o produto, introduzindo uma espécie de pressa (tempo lógico), não sem o tempo de elaboração com outros.

Terceiro, limita-se o anonimato. Cada um responde com seu próprio nome e, no melhor dos casos, com a singularidade de seu sintoma: cada um investiga e tenta avançar em relação a uma pergunta, que surge de seu próprio traço, para fazer aparecer um dizer. A ênfase está na individuação.

Que o limite no grupo introduza a incompletude e a diferença, favorece a experiência da palavra e do singular, a ex-sistência do um por um.

Agora vou me concentrar no produto. Como o produto resultante desse trabalho no cartel favorece a ex-sistência? C. Velásquez¹⁴, em nossas jornadas, definiu o produto como Um *bem*, disse: “O resultado que fica do trabalho realizado pelo cartelizante... nessa experiência em torno do saber que se realiza junto com alguns outros, é Um *bem*.” Acrescentemos: um bem epistemológico.

Enfatizamos o Um para indicar que o produto é um, de cada um, resultado de um trabalho coletivo, mas não é um produto coletivo. Da mesma forma, enfatizamos que é um produto que esperamos que possa ser repassado a outros, resul-

13 Idem.

14 VELASQUEZ, C. *El “bien decir” en el producto*. Intervención en la Jornada de carteles de la NEL. 2024. Inédito.

tando em transmissão. Essa transmissão, diferentemente de uma conferência ou de um curso, que passa de um para todos, se faz de um para outro e para outro e para outro” (de Pedro para Juan, de Juan para Pepita...etc.). É o que Lacan chama de transferência de trabalho, na qual, se funciona adequadamente, “o saber se renova na medida em que o não-todo é introduzido, pagando – é claro – o preço de uma redução do gozo fálico”¹⁵. Não é isso um trabalho de luto?

Nenhum ideal em relação ao produto. No cartel, trata-se de falar com outro. “É uma conversa em que circula a palavra, faz-se circular um saber que não existe... Ainda. Na medida em que não há O conhecimento, o saber circula, não fica estagnado, não fica fixo... é um saber vivo... É um trabalho em andamento, uma elaboração passo a passo, de uma sessão à outra.”¹⁶

O seu valor reside no *bem dizer*; o bem dizer *no* produto. É uma tentativa de capturar algo mais além de uma conceituação, mais além, como diz Lacan, do que pode ser tomado na mão (falo);¹⁷ ou seja, não se trata apenas de ratificar um conceito ou encontrar a peça que falta, mas de “construir com o vazio”. “Os conceitos são necessários, mas também os não-conceitos, que têm a virtude de dissolver os sintagmas fixos que garantem a ortodoxia.”¹⁸

O esforço de *bem dizer* não é um esforço para dizer o que é correto ou a verdade, mas um esforço para nomear que deve surpreender, para fazer surgir o que é próprio do dizer, uma forma de cada vez bordejar melhor e de melhor maneira o real. “A coisa vai melhor quando dizemos bem porque nos aproximamos melhor do real, chegamos a melhores fórmulas para dizer o que é impossível, o que não se pode dizer”, disse C. Koretsky.¹⁹

Nesse sentido, trata-se da perspectiva ética, de um luto a ser feito, “ir contra o hábito e a rotina”²⁰, “desprendendo-nos do que acreditamos ser familiar”. Cito Miller em *Causa e Consentimento*: “O próprio da ética é nos levar do familiar ao estranho, nos ensinar que toda vez que acreditamos estar em casa, estamos apenas em falta com relação ao estranho”²¹. E acrescenta “é isso que deveria acontecer nos ensinamentos do Campo Freudiano, que nos levam a dissecar Freud e Lacan. Não se trata de assimilá-los, mas de des-assimilá-los; não é preciso ter nenhuma familiarida-

15 INDART, J. C. *Política del amor real en psicoanálisis*. Conferencia dictada en Agosto 2020, IOM2. Cuyo.

16 ALBERTI, C. *Op. cit.*

17 LACAN, J. *R.S.I.* Lição de 11 de março de 1974. Inédito.

18 COTTET, S. *Un bien-decir epistemológico*. Disponível em: <https://www.revistavirtualia.com/articulos/235/el-concepto-en-la-clinica/un-bien-decir-epistemologico>.

19 KORETSKY, C. “Testimonio de pase”. In: *Bitácora Lacaniana*, n. 13. Buenos Aires: Grama.

20 MILLER, J.-A. *Causa y consentimiento*. Buenos Aires: Paidós, 2019, p. 13.

21 Idem, *ibidem*.

de com esses saberes”²². Nada de saber seco, universitário, que se repete como um papagaio, no qual nos “parasitamos”, no qual “para-citamos”, recordava F. Pizani.²³

O produto do cartel deveria ser um produto que renova o exercício de um saber, no qual ele é exercido, reinventado e/ou modificado. Trata-se de fazer algo novo com o saber adquirido, dando lugar ao seu próprio estilo. Portanto, podemos dizer que o produto resultante do cartel está fora de todo valor comercial e de troca; implica o luto pelo Todo saber, pela crença de que o que falta será encontrado.

O *bem* de um *dizer* está justamente quando se consegue indicar seu limite, sua falha. Como diz Lacan na TV, e Claudia também o lembrava, “não se trata de compreender, de morder o sentido, mas de rasurar o máximo possível... gozando a decifração”. “Há falha na concretização do ato proposto, em pronunciar a palavra esperada; em dizer toda a verdade, em produzir um saber completo...”²⁴. O bem dizer *no* produto é uma maneira de fracassar melhor.

Termino. Quando Marilsa me fez esse convite, eu estava terminando meu mandato no Conselho da AMP, durante o qual tive a nobre responsabilidade de apoiar o trabalho de cartéis das Escolas, então aproveitarei essa oportunidade para contar a vocês uma pequena fofoca que está sendo gritada em nossas Escolas: o cartel agora tem um lugar privilegiado nelas, ele recebeu, para usar as palavras de Lacan em 1975, “um vivo impulso”.²⁵

Penso, portanto, que ao contrário do formalismo e da falta de entusiasmo que Miller detectava nos anos 90 (“O cartel no mundo”), hoje falamos e ouvimos falar do cartel com emoção; realizam-se jornadas, encontros, conversamos sobre o dispositivo e, sobretudo, expõem-se os seus produtos; os cartéis são cada vez mais uma referência para o estudo, a pesquisa e a formação (basta ver o exemplo de Scilicet). Da mesma forma, concordo com Alberti, quando diz que os cartéis funcionam tanto como uma “abertura para as novas gerações quanto como um relançamento para os mais experientes”.

Sem forçamento algum, podemos garantir que esse pequeno grupo está cada vez mais sendo pensado como O meio para realizar O trabalho; é um instrumento de difusão e uma ferramenta de transmissão, tanto para aqueles que se aproximam das Escolas como para os seus membros.

Resta dizer que nossa tarefa será fazer com que o plano Lacan se torne realidade, asseverar que o cartel mantenha as condições necessárias para inspirar o

22 Idem, *ibidem*.

23 PIZANI, F. *El bien decir en el producto*. Intervención Jornadas de carteles de la NEL. Inédito.

24 VELASQUEZ, C. *Op. cit.*

25 LACAN, J. “Encerramento das Jornadas de Estudos de Cartéis da Escola Freudiana”. In: *Pharmakón*, Belo Horizonte, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://pharmakondigital.com/encerramento-das-jornadas-de-estudos-de-carteis-da-escola-freudiana/>>. Acesso em: março de 2025.

anseio de ex-sistir; que seja preservado como um bem precioso... afinal, como diz Lacan no Ato, “estamos comprometidos com uma tarefa sustentada de controle interno e externo [...]”²⁶. “O controle interno é exercido pelos órgãos da Escola que podem realizar uma seleção de trabalhos”²⁷.

A todos vocês que hoje estão colocando à prova o progresso do seu trabalho, desejo uma excelente jornada!

Espero ter conseguido despertar, ao menos um pouco, o anseio de ex-sistir.

Tradução: Márcia Mezêncio

26 LACAN, J. (1964). “Ato de Fundação”. *Op. cit.*, ibidem.

27 MILLER J.-A. “A Escola e seu psicanalista”. In: *Como terminam as análises*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023, p. 186.

UM CAMPO FÉRTIL

MARÍA JOSEFINA SOTA FUENTES

Eu gostaria de começar agradecendo à Diretoria da Escola, em especial à Patrícia Badari e à Marilsa Basso, que me fizeram este convite, e a toda a Diretoria de Cartéis, e aproveito para dizer da grande satisfação que é contar com o trabalho e a presença da nossa querida colega da NEL, Clara Holguín, que mais uma vez está conosco na EBP.

De modo geral, nas Jornadas de Cartéis sempre acabamos falando do próprio dispositivo do Cartel e me parece fundamental que isso possa acontecer, pois assim temos a oportunidade de tratar do próprio conceito de Escola e de experimentar em ato o que é a Escola de Lacan. Nesse sentido, fazer uma Jornada como esta é em si um ato político, cujo incidência recai sobre a própria experiência que temos da Escola. A respeito do Cartel, o órgão de base da Escola cujos fundamentos são retomados por Lacan em 1980, ele diz que, do cartelizante, “não se espera nenhum progresso além daquele de uma exposição periódica, tanto dos resultados quanto das crises de trabalho”¹. Então, chegou a hora de os cartelizantes lançarem à céu aberto seus produtos!

Com as indicações precisas que Clara Holguín nos traz, seria interessante retomarmos aquilo que foi o “Plano” original de Lacan sobre os Cartéis. Plano que – como afirma Miller² no texto por ela citado – jamais chegou a ser realizado como tal. Pois, para Lacan, o trabalho de Escola deveria ser executado pelos Cartéis, de modo que os seminários, cursos, conferências deveriam ocorrer fora da Escola, tal como foi o caso do próprio Seminário de Lacan. Então, fica aqui a primeira questão para nós: “por que nunca se realizou o Plano Lacan? Por ser irrealizável? – é Miller quem pergunta –. Por não se poder inibir o crescimento de carismas, nem

1 LACAN, J. “D’Écolage”. Disponível em: <https://ebp.org.br/wp-content/uploads/2024/02/22DEcolage22-Jacques-Lacan.pdf>, pág. 14.

2 MILLER, J.-A. “Novas reflexões sobre o cartel”. Disponível em: <https://ebp.org.br/wp-content/uploads/2024/02/22Novas-reflexoes-sobre-o-cartel22-Jacques-Alain-Miller.pdf>, pp. 31-32.

a demanda de carisma? Deve-se realizar esse plano? Ou seria um fundamentalismo do cartel? Será preciso modificar alguma coisa da definição do cartel, ou da prática do cartel, para realizar o Plano Lacan?”. Miller lembra ainda que, depois de tudo, foi preciso renovar a *Proposição* sobre o Passe. Seria necessário fazer algo assim com o Cartel? Entendi que a posição de Clara é a de que não devemos ser fundamentalistas, mas ela deixa em aberto a questão, e talvez ela possa nos dizer algo mais sobre isto.

No contexto da dissolução de sua Escola, com *D'Écolage*, o próprio Lacan de 1980, num ato político com o qual interpreta a crise da Escola, mantém e relança o dispositivo do Cartel como órgão da Escola. Além disso, ali ele aprimora a formalização do Cartel, que passa a incluir a bagagem conceitual de todo o seu ensino e não somente aquela dos anos 60, da ocasião da Fundação de sua Escola³. Por isso achei excelente que Clara tenha privilegiado esse texto, situando, com Lacan e Judith Miller, o Cartel no lugar de um campo, o campo aberto por Freud. Nele, é preciso semear para colher seus frutos, pois em psicanálise o essencial a ser transmitido não pode ser ensinado como um saber pronto a ser consumido, assim como na experiência de uma análise não há um saber morto, à espera de decifração, que repousaria nas profundezas do inconsciente. É preciso produzir esse saber a cada vez, e, nesta Jornada, cada um de nós é convidado a colocar sua própria semente nesse campo, onde – e eu cito Lacan – “[...] cada um terá a liberdade para demonstrar o que faz com o saber que a experiência deposita”⁴.

E Clara indica que nesse campo é preciso semear, mas, sobretudo, ele só será fértil se o fio cortante da Causa freudiana se fizer presente, precisamente sob duas modalidades que se articulam.

Em primeiro lugar, esse campo implica a emergência do sujeito dividido, o “efeito sujeito” que não se confunde com o indivíduo, aquele que não se divide. Convém lembrar que a massa freudiana consiste na reunião de indivíduos que se identificam em torno do líder, enquanto o coletivo lacaniano implica a divisão do sujeito do inconsciente que vem perturbar a unidade imaginária do corpo, ou seja, do indivíduo. Essa é precisamente a definição de Lacan sobre o que é o coletivo, já formulada no Escrito sobre “Tempo lógico e sua asserção antecipada”, amplamente comentada por Miller na “Teoria de Turim”⁵. Ali, Lacan diz que “o coletivo não é nada senão o sujeito do individual”⁶. Ou seja, o coletivo lacaniano não é a somatória dos indivíduos; ele é o efeito “sujeito” do individual, é a perturbação no

3 LACAN, J. “Ato de fundação”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 235-247.

4 LACAN, J. “D'Écolage”. *Op. cit.*, p.15.

5 MILLER, J.-A. “Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola”. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/teoria_de_turim.pdf.

6 LACAN, J. “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 213.

indivíduo, na unidade imaginária do Eu. A partir disso, podemos explorar as incidências do coletivo lacaniano no individualismo contemporâneo, e talvez a Clara possa dizer algo mais sobre esse ponto por ela mencionado.

Constatamos que há uma dimensão política presente na própria concepção do Cartel, pois ele comporta uma interpretação sobre a teoria dos grupos que pode servir de ferramenta para tratar dos impasses do laço social na contemporaneidade, a espiral da época que arrasta inclusive os próprios analistas.

Então, Clara nos diz que o campo só será fértil se houver a presença disruptiva do inconsciente como ruptura e corte. O sujeito é dividido entre um saber que ignora e uma verdade que não sabe dizer. Poderíamos dizer que a questão que cada um chega a formular como própria num Cartel seria menos aquela que eu acredito ser a minha, e mais a pergunta que trabalha em mim sem que eu chegue jamais a formulá-la por completo. E aqui a questão ética do que Lacan chama de *bem-dizer*, à qual Clara se refere, diz sobre o pecado que seria o de atolar no sentido, como se fosse possível possuir um saber sobre o real. E, por outra parte, tal como Lacan indicou em “Televisão”⁷, está o pecado do rechaço do inconsciente, daí o dever ético de permanecer no domínio da linguagem e produzir um dizer que enlace o real em causa para cada um.

Em segundo lugar, para que o campo seja fértil, nos diz Clara, é preciso furo, falta, hiância. É preciso que esse campo dê lugar à presença disruptiva do real, quando justamente Lacan do *Seminário 10* já havia alertado que os psicanalistas sempre podem deixar cair a Coisa, a Causa freudiana, uma vez que o objeto *a* em causa é também aquele que pode mobilizar a angústia, inclusive nos próprios analistas.⁸

Achei interessante que, para tratar da crise em sua Escola, Lacan não se propôs a interpretar as dinâmicas dos grupos inflando ainda mais o imaginário, nem a vociferar o mal-estar que pode chegar ao impossível de suportar. Em 1980, ao falar do Cartel, mais uma vez ele colocou o acento no “trabalho”, tal como já havia feito em 1964 no *Ato de fundação*, destacando em 1980 que o luto, necessário àqueles que da Escola querem permanecer com ele para a Causa freudiana, é um trabalho. O luto é um trabalho e é preciso prosseguir nessa via ética de se por a trabalho do *bem-dizer*, que enlaça o real do inconsciente e o saber, a fim de permanecer nesse campo litorâneo, sem desaguar no mar das paixões tristes de um luto que se eterniza no puro efeito de perda, mantendo um real fora de todo alcance. Assim, o Cartel como lugar da conversação, do qual Clara fala, é esse campo que aloja o vazio fértil que, assim, instaura um dizer.

Um último ponto, para concluir. Talvez Clara possa falar algo mais sobre o *anseio de “ex-sistir”* do qual fala Lacan ainda em *D’Écolage*, e que me pareceu ser

7 LACAN, J. “Televisão”. In *Outros escritos*. Op. cit., p. 524-525.

8 LACAN, J. *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 127 e 145.

fundamental. Pois, tal como afirma Miller em seu Curso *O lugar e o laço*⁹, se o que coloca o analista em apuros é justamente o real em jogo em sua formação, ou seja, o discurso analítico que implica o rechaço da existência para o analista, podemos dizer que a psicanálise mesma impede o analista de existir. E por isso mesmo é que surgem as respostas sintomáticas como defesas dos analistas diante desse real, quer seja o empuxo ao grupo e às identificações a serem recuperadas no seio da comunidade analítica, quer seja do analista solitário independente que se identifica e se garante como O analista.

Portanto, a saída para o analista pela via da “ex-sistência” talvez possa ser mais comentada.

Obrigada!

9 MILLER, J.-A. *El lugar y el lazo*. Buenos Aires: Paidós, 2013, pp. 24-25.

PALAVRAS NA MESA DE ENCERRAMENTO – JORNADAS DE CARTÉIS 2025 DA EBP

GLADYS MARTÍNEZ¹

É uma grande alegria ter podido testemunhar e participar desse movimento impressionante da EBP que se materializou na realização das Jornadas de Cartéis, com um título tão sugestivo quanto provocativo: O Cartel e os Furos.

Mas antes que quaisquer outras palavras possam abafar o afeto que invade meu corpo, quero expressar meus sinceros parabéns à comissão da Diretoria de Cartéis e Intercâmbio da EBP, sob a responsabilidade de Marilsa Basso, uma peça-chave nessa aposta, juntamente com a Diretoria da EBP e seu Conselho. Aplaudo essa aposta vigorosamente determinada, seriamente concebida e delicadamente orientada. Foi também um prazer imergir na musicalidade e no ritmo da língua portuguesa, bem como imergir nesse inegável esforço de poesia que presenciamos nas diversas mesas de trabalho, porque, como disse J.-A. Miller, “o vivo merece ser falado”.²

Quase 135 produtos de trabalho selecionados foram submetidos ao debate e discussão, com quase 1.000 participantes inscritos. Esses números impressionam, considerando que abrangem um território vasto e diverso como é o território brasileiro. Sem se deixar obnubilar pela dimensão da quantidade, o que esses números denotam com mais precisão é a materialização de consentimentos múltiplos e singulares a esse dispositivo lacaniano, que marca o ritmo de um trabalho vital da Escola: aquele que se compromete, sem ambiguidade, com a existência da psicanálise. A Escola é o instrumento para a existência da psicanálise e o cartel é o órgão

1 Psicanalista, Membro da NELcf e AMP e Conselheira da AMP.

2 MILLER, J.-A. *Esfuerzo de poesía*. Buenos Aires: Paidós, 2016, p. 160.

de base para a existência da Escola. Mas nem a Escola nem a psicanálise existem se não houver psicanalistas que queiram e estejam dispostos a ser movidos por um desejo de formação que não decline.

A vida da Escola se respira no cartel e, ao mesmo tempo, o cartel a faz pulsar, a bombeia, irriga e oxigena. Por isso, é uma válvula indispensável, com uma lógica precisa, não fundamentalista, mas móvel, porque permite aberturas, fechamentos, circulações e fixações, e cria condições para o surgimento do encontro e da surpresa. Os cartéis declarados à Escola precipitam, no melhor dos casos, dois atos: o de sua inscrição, declaração em nome próprio que se opõe ao conforto do anonimato, e o de sua dis-solução, que contraria a tendência de colar ao mesmo e aos outros. Pode-se ler, no produto próprio que decanta do trabalho de elaboração coletiva do cartel, um ímpeto de saída do confinamento mental, uma ousadia em prol do encontro, uma confrontação com o que falta e faltará, uma tomada de riscos e, ao mesmo tempo, algum lampejo do texto de Freud e de Lacan, que não dispensa não se esforçar para extrair, uma e outra vez, as consequências da experiência analítica que nos atravessa e nos envolve, indefectivelmente.

Nas palavras de Encerramento das Jornadas de Cartéis da Escola Freudiana de 1975, podemos deduzir que Lacan constatava que sua Escola estava definhando. Ele expressa um desejo: “Gostaria que a prática desses cartéis que imaginei se instaurasse de maneira mais estável na Escola.”³ Lacan insistiu em refletir sobre a função do cartel “para o funcionamento da Escola” e esperava que aquelas jornadas constituíssem um “vivo impulso”.⁴

Hoje a situação é diferente. Como Clara Holguín afirmou na conferência de ontem, a prática do cartel está inscrita no DNA das diversas Escolas que compõem a AMP. O cartel está no marco de nascimento da Escola e, felizmente, hoje goza de uma boa saúde. Gera prazer e entusiasmo.

Mas não podemos relaxar.

A metáfora do “campo”, para se referir ao campo freudiano, “bem escolhida, eloquente”⁵ e rica em ressonâncias, foi fornecida por Lacan, como bem diz Judith Miller na conferência Campo Freudiano que Clara Holguín citou ontem. É preciso uma lâmina afiada, a preparação do terreno para torná-lo um solo fértil, no qual possam ser colhidos os frutos da semente que cada pessoa planta. Mas não podemos dar por garantido que aquele campo e aquele arado sempre existirão. Como disse um jovem colega na Noite de bibliotecas da NEL em 2023, a respeito do livro

3 LACAN, J. “Encerramento das Jornadas de Estudos de Cartéis da Escola Freudiana”. In: *Pharmakón*, Belo Horizonte, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://pharmakondigital.com/encerramento-das-jornadas-de-estudos-de-carteis-da-escola-freudiana/>>. Acesso em: março de 2025.

4 Idem, *ibidem*.

5 MILLER, J. “El Campo Freudiano”. In: *Bitácora Lacaniana*, n. 13, Buenos Aires: Grama, 2025, p. 27. (No prelo).

O nascimento do Campo Freudiano: “Não vamos nos deixar levar pela ideia romântica de que tudo é verde. Pragas, mau tempo, chuva excessiva, seca, plantas murchas, terras abandonadas, cercas fechadas também chegam ao campo.”⁶

Vários produtos de cartéis fizeram referência ao sintoma que Jacques-Alain Miller pôde ler pairando na vida das Escolas da AMP: seu envelhecimento. A interpretação de J.-A. Miller não demorou a chegar: a Nova Política da Juventude veio de mãos dadas com a política de *aggiornamento*. Tínhamos que nos mover rapidamente, buscando recuperar, a toda velocidade, o tempo perdido.

E foi aí que o *cartel como máquina de guerra* foi usado com toda a sua força, não para combater um inimigo externo, mas para tratar o parasita da cola dentro do funcionamento das Escolas. Cola também significa a repetição da mesma coisa, o esquecimento de uma posição que guarda a possibilidade de *ser outro para si mesmo*. Essas jornadas da EBP são um vivo reflexo da seriedade com que a EBP se dedicou ao trabalho de incorporar essa política.

Uma atenção cuidadosa aos fundamentos do dispositivo do cartel trouxe uma lufada de ar fresco às Escolas, resultando em novas apostas como essas jornadas. O cartel como arma política da Escola busca neutralizar a inclinação mais automática e rotineira para a qual tende toda a vida institucional. E se a Diretoria de Cartéis e Intercâmbios, juntamente com o Conselho e a Diretoria da EBP, apostaram fortemente no trabalho do cartel, é porque, por sua vez, o fundamento do cartel — sua função de causa e sua lógica — rejuvenesce o trabalho da Escola e revitaliza o desejo de saber de seus membros. O cartel é sempre jovem. É instrumento, meio, ferramenta para a transmissão da psicanálise; para manter acesa a chama da descoberta do inconsciente.

Essas jornadas chegam ao fim. Lacan disse em *Dissolução*: “Vão em frente, coloquem-se entre vários, colem juntos pelo tempo necessário para fazer algo, e depois dissolvam para fazer outra coisa.”⁷ Será o momento de ler os efeitos dessa aposta, ler os efeitos sobre a EBP e seu tempo. Isso tornará alguns fios legíveis para um relançamento, com algum elemento inédito. *Por que não?*

Por fim, gostaria de chamar a atenção para outro tratamento que, a meu ver, o fundamento do cartel pode iluminar: ele se refere à complexa dialética do Um e do múltiplo. Uma reflexão muito forte me chamou a atenção na edição nº 3 de *Mondo - Dispatch on line of WAP/AMP*, onde podemos sentir a influência da direção do mestre atual, da qual nenhum de nós está isento. Naquela conversa entre colegas da EBP, alertava-se: “Na distância entre o Um e o múltiplo, o risco do identitarismo,

6 VALLE, A. M., “Una lectura de El nacimiento del campo freudiano”, *Alcarraza No. 3. Cuadernos de Psicoanálisis de la NEL-Cali*. Disponível em: <https://alcarraza.nelcali.com/> (Próxima aparición, on line).

7 LACAN, J. “Sr. A.” (em “Dissolução”). In: *Nos confins do Seminário*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022, p. 73.

significante mestre atual, deriva de uma prevalência do múltiplo, absoluto”.⁸ Através dessa “prevalência do múltiplo”, paira o perigo que consiste no fato de que “o Um da Escola perde a sua alma, a sua identidade, a sua autoridade”. Christiane Alberti, em outra edição do Mondo, n.º 5, contrasta o *Um* e o *múltiplo* com o discurso atual da *diversidade*. Ela ressalta: “No campo freudiano, a questão é que o múltiplo não esteja separado da unidade. Quando tudo funciona no sentido da divergência, da distância geográfica, da diversidade de línguas e culturas, é importante reunir-se, não em torno do calor do estar juntos, mas essencialmente em torno dos fins últimos da nossa ação: uma perspectiva à distância do imaginário, não inteiramente simbólica (regulamentos e estatutos), mas sim real.”⁹

Dessa forma, a prática do cartel — despadronizada, desrotinizada, isto é, absorvendo e inculcando sua força a partir da raiz de seus fundamentos —, pode ser um antídoto poderoso e preciso contra o isolamento, a dispersão e a segregação, fora e dentro de uma comunidade analítica que se diz lacaniana. Hoje vocês deram prova disso.

Eu os parablenizo e agradeço!

22.03.2025

8 Mondo. Dispatch on-line WAP/AMP, Edición No. 3, EBP *Escola Brasileira de Psicanálise: Hablemos de la política de juventud*. Disponível em: <https://mondodispatch.com/es/2023/07/03/hablemos-de-la-politica-de-juventud/>.

9 Mondo. Dispatch On-line Of WAP/AMP. Disponível em: <https://mondodispatch.com/es/2024/09/10/lo-uno-y-lo-multiple-versus-diversidad/>.